

## BONECAS FEIAS: O LÚDICO COMO MODO DE CRIAR UMA POÉTICA DE RESISTÊNCIA

Autora: CLÁUDIA DA SILVA PARANHOS

Orientadora: ALICE JEAN MONSELL

Universidade Federal de Pelotas – [clauparanhos@yahoo.com.br](mailto:clauparanhos@yahoo.com.br)  
Universidade Federal de Pelotas – [alicemondomestico@gmail.com](mailto:alicemondomestico@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta reflexões acerca de minha pesquisa poética, desenvolvida em minha dissertação de mestrado, atualmente em processo de escrita, cujo título é *“Bonecas Feias: brincando com padrões culturais do corpo na arte e na contemporaneidade”*, no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na UFPel – linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Por meio de experimentações com costura que originam desenhos sem esboços ou moldes, em tecido, podendo receber detalhes em tinta ou a lápis no próprio pano, direto na máquina de costura ou à mão, construo bonecos singulares desprovidos de padrões, modelos ou de gênero e, portanto, potentes por suas possibilidades poéticas. Denominar essas bonecas de feias, rotulá-las feias antes mesmo que outros possam fazê-lo é uma forma provocativa de chamar a atenção para este conceito. Costuro, CONSTRUO enquanto busco DESCONSTRUIR padrões. A linha física, o fio, substitui a linha a lápis, ao mesmo tempo em que modela. Costuro o corpo como se riscasse a lápis ou modelasse uma massa. Essa costura que constrói o objeto é a mesma que desconstrói ideias fixas culturais sobre o corpo. O descontrole da linha é um descontrole corporal, que é feito no avesso, somente se revelando quando é desvirado. (Des) costuro, então, padrões de beleza, regras de costura, moldes, revirando do avesso e revelando um ‘corpo’ outro, construindo uma subjetividade outra, usando estas linhas que podem, por um lado, fixar, atar, apertar, amarrar, prender, tanto quanto podem desmanchar, descosturar, des... educar.

A metodologia de pesquisa em poéticas visuais enfatiza, primeiramente, a prática poética, neste caso a produção de bonecos e, desta prática, emergem as questões principais da pesquisa. Tais objetos constituem o principal meio pelo qual observo e investigo as questões artísticas e culturais associadas a padronizações do corpo na arte e no contexto da sociedade contemporânea, particularmente em relação ao que se considera “belo” ou “feio”, as incertezas e o modo como a nossa construção de subjetividade possa ser influenciada. Entretanto, minha produção e investigação passou a acontecer também por meio da participação no processo criativo e reflexão sobre os bonecos junto ao público, através de *Oficinas de Bonecas Feias*, potencializando estes objetos enquanto produtores de sentido de ação política, na resistência aos modos de ser da cultura hegemônica bem como do lúdico como forma de criação de uma poética de resistência. A prática da oficina, em si, transformou-se em uma produção artística.

Artistas como Hans Bellmer, Laurie Simmons, Cindy Sherman, Paul Klee e pensadores como Jean Baudrillard, Guy Debord, Félix Guattari e Umberto Eco dão base para minha pesquisa.



A mala de *Bonecas Feias* na Oficina de *Bonecas Feias* no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, Setembro de 2017. Foto: Cláu Paranhos

## 2. METODOLOGIA

Nas *Oficinas de Bonecas Feias* organizo vivências de grupo nas quais proponho a criação de bonecos de forma espontânea e intuitiva, através da costura manual. O público é constituído por pessoas de diferentes idades e em locais muito variados, tendo já acontecido nas cidades de Pelotas, Porto Alegre, São Paulo e Torres. Através das oficinas, posso analisar e explorar as possibilidades do tema e, simultaneamente, oportunizar que os participantes possam desenvolver sua própria linguagem e expressão pessoal.

As Oficinas geralmente iniciam com a exposição da minha pesquisa no estágio em que se encontrar no momento (o que a torna um acontecimento sempre único), através de apresentação audiovisual, com imagens ilustrativas, livros sobre o tema e mostra de objetos (as próprias *Bonecas Feias*). Provoco diálogos sobre a cultura visual e a ludicidade deste objeto que venham a suscitar uma vontade e disponibilidade de produzir, incentivando ainda a reflexão. A seguir, todos são convidados a interagir livremente com os objetos e livros. Após, formamos um círculo e sentamo-nos no chão, ou ao redor de uma mesa, caso haja, para uma melhor interação com o material e com os colegas. Como, imagino, fazíamos quando ainda tínhamos a prática de sentarmo-nos em círculo e contarmos histórias. São disponibilizados materiais que eu mesma levo ou os participantes: tecidos variados, linhas, lãs, botões, enchimentos, agulhas, pequenas sucatas... Procuro incentivar o reaproveitamento e a reinvenção de materiais, as Sobras do Cotidiano. (Essa ação de transformar materiais descartados e desenvolver procedimentos poéticos aproximou as *Bonecas Feias* ao projeto de pesquisa “Sobras do cotidiano e da arte: Contextos, reaproveitamento, diálogos e documentação do lixo em deslocamento entre o espaço privado e público”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DesLOCC (CA/UFPEL/CNPq), cujo propósito é investigar, observar e estudar o lixo, sua produção, deslocamento e transformação dentro do meio social, para assim trabalhar e desenvolver procedimentos poéticos que o reutilizem na forma de “sobras”. É, também, uma *ecologia ambiental* além da *ecologia de si* (Guattari), a qual busco através das Oficinas.) Faz-se uma atmosfera de atelier onde assuntos se entrecruzam e surgem diálogos, conversas sobre si, o mundo, a infância, a arte. Minha

participação, nesse momento, consiste em algum auxílio técnico quando solicitado e, principalmente, no reforçar a importância de se permitir a produção escutando a si mesmo, desapegando de valores estéticos padronizados, estando verdadeiramente presente. Mãos inquietas cortam, costuram, pregam botões, mesmo quando sem nunca tê-lo feito. O extrato deste processo, o boneco em si, é apenas a materialização de algo muito maior. O caminho percorrido até chegar a ele é o verdadeiro sentido da ação. Ainda que cada participante possa não compreender isso no nível do consciente. O encerramento da Oficina conduz naturalmente a uma conversa onde cada um conta como se sente e mostra a sua criação.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Brincar possibilita “o ser” ser, existir, em relação ao mundo: reinventar-se, sem o compromisso da seriedade, da realidade. A boneca é um objeto de afeto, um objeto brincante. Essa dinâmica de relação entre si mesmo e o mundo, em Schiller, é o *impulso lúdico*: “o ser só é ser humano quando brinca, quando joga”. O que para Schiller é uma brincadeira, para Nietzsche é a música: “não acredito em um deus que não saiba dançar.” Em Winnicott, brincar, é esse lugar onde se pode construir, é a base, é o território onde a liberdade pode se ancorar. Brincar produz uma cultura livre de si com o mundo, não só na reprodução do mundo mas na invenção do mundo a partir das forças de si mesmo. Em Steiner esse impulso, esse brincar, se chama ARTE. A arte é sempre pensar o mundo “comigo” dentro. Esse modo de permitir a si mesmo uma relação com o mundo sem conflito de forças, permitindo o jogo, é experimentar a partir de mim, e não somente se submeter. O impulso lúdico quando exercitado dá a possibilidade da produção de uma cultura inventiva e do ser criar o novo. Não só reproduzir o mundo, mas criar o mundo. Sem o impulso lúdico não há a cultura da liberdade. O sintético padroniza a forma e o si mesmo não pode se expressar. O lúdico possibilita uma cultura outra e não só o mundo impondo ao ser, uma filosofia da liberdade. Por isso é necessário brincar para viver. Incentivar a produção de singularidades. Ensinar dando o espaço para o si mesmo se expressar: a arte de viver - “fazer da vida uma obra de arte” (Nietzsche). A arte é um estado de ser, um movimento entre o si e o mundo. Brincar é um sinônimo da arte. Winnicott diz que, em clínica, o terapeuta deve colocar o paciente novamente a brincar. Ao artista, assim como ao educador, cabe a construção do seu si mesmo constantemente para contribuir com o outro na busca por ser ele mesmo.

### 4. CONCLUSÕES

Foi ao longo do processo da pesquisa que percebi que as oficinas, de método de investigação, haviam se transformado em parte do trabalho enquanto obra, tornando-se uma *ação artística* (um *happening*, uma *obra aberta*? - Umberto Eco), chegando a ocorrer em meio a uma sala expositiva do principal museu da cidade de Pelotas (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo), o que de forma simbólica veio a legitimar a ação num espaço tradicionalmente reservado à arte.

Com base na obra *As Três Ecologias*, de Félix Guattari, percebi que um dos objetivos das oficinas, em especial, é gerar um dispositivo de produção da subjetividade através da criação de objetos: no caso, bonecos de tecido. Se todos os gestos forem impressos do exterior, não há espaço para a manifestação da própria vontade. As *Bonecas Feias*, em sua singularidade, estimulariam a abertura destes participantes para seus próprios anseios? Não ter a obrigação de

acertar, de “fazer bonito”, traz em si a liberdade de produzir sem receitas sabendo que a própria produção é relevante? A produção de um objeto que desamarra o ser de um extrato de cultura enfraqueceria a homogeneidade e fortaleceria a PRODUÇÃO DE SI MESMO, a fim de permitir o ser expressar no mundo, ressignificar seus conteúdos internos, tornando-se quem ele é? Colaboraria para o ser tornar-se quem ele é e não se reproduzir numa lógica vigente? As *Bonecas Feias*, assim como as ações/oficinas, estariam, através da arte, do lúdico, criando uma poética de resistência?

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BARTHES, R. **O sistema da moda**. São Paulo: Nacional, 1979.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BAYER, R. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DANTO, A. **O Abuso da Beleza**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contrapont, 1997.
- DERDICK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Linha de Costura**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DIDI-HUBERMANN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ECO, U. **História da Feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- \_\_\_\_\_. **História da Beleza**. 4ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GEDDES, J. **Childhood and Children: a compendium of customs, superstitions, theories, profiles and facts**. Phoenix: The Oryx Press, 1996.
- GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. São Paulo: Papirus, 2015.
- HEGEL, G. **Curso de Estética: O belo na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- KLEE, P. **Klee Hand Puppets**. Hatje Cantz Editores, 2006.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MATESCO, V. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Joege Zahar, 2009.
- STEINER, R. **A Filosofia da Liberdade**. São Paulo: Antroposófica, 2008.